

Evento: XXV Jornada de Pesquisa  
ODS: 4 - Educação de qualidade

## LINGUAGEM E APRENDIZAGEM NA SINGULARIZAÇÃO DO SUJEITO EM MARIO OSORIO MARQUES<sup>1</sup>

### LANGUAGE AND LEARNING IN THE SINGULARIZATION OF THE SUBJECT IN MARIO OSORIO MARQUES

Mariane Moser Bach<sup>2</sup>, Rosana Souza de Vargas<sup>3</sup>

<sup>1</sup> Estudo realizado na disciplina Aprendizagem e docência em Mario Osorio Marques, sob a orientação dos professores Dr. José Pedro Boufleuer e Dra. Vânia Lisa Fischer Cossetin, no segundo semestre de 2019.

<sup>2</sup> Licenciada em Letras - Português e Inglês, mestranda do Programa de Pós-graduação Stricto Sensu em Educação nas Ciências da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (Unijui). Bolsista Prosuc/Capes. E-mail: mariane.bach@gmail.com.

<sup>3</sup> Licenciada em Letras - Português e Inglês, mestranda do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação nas Ciências da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (Unijui). Bolsista Prosuc/Capes. E-mail: rosanasdvas@gmail.com.

**Resumo:** Com este artigo propomos uma discussão, a partir de obras de Mario Osorio Marques, sobre entendimentos acerca da linguagem, da aprendizagem e da singularização do sujeito. O estudo caracteriza-se metodologicamente como uma revisão teórica narrativa e, por meio da reflexão das ideias, é possível compreender o homem como sempre aprendiz, que reconstrói seu conhecimento a partir do que já é socialmente instituído, por meio da linguagem e do saber fazer-se e refazer-se mediante convivência com o Outro. Marca-se, nesse processo, a individuação/socialização humana, que diz respeito ao assujeitamento do indivíduo na organização social, processo fundamental para a formação da subjetividade. Além disso, imprescindível, também, é a singularização desse sujeito, capaz de produzir uma subjetividade autônoma e criativa, que se insurge contra as imposições dos modos de ser dominante, mostrando que há outras maneiras de ser, sentir e agir, singulares de cada um. Por fim, compreendemos que a educação escolar deve proporcionar tanto o processo de socialização quanto de singularização, favorecendo o diálogo e a constituição de cidadãos responsáveis e solidários.

**Abstract:** From this article we propose a discussion, based on works by Mario Osorio Marques, about understandings about language, learning and the subject's singularization. The study is methodologically characterized as a theoretical narrative review and, through the reflection of ideas, it is possible to understand man as always a learner, who reconstructs his knowledge from what is already socially instituted, through language and know-how to be and remake themselves by living with the Other. In this process, human individuation / socialization is marked, which concerns the subjecting of the individual in the social organization, a fundamental process for the formation of subjectivity. Furthermore, the singularization of this subject is also essential, capable of producing an autonomous and creative subjectivity, which rises up against the impositions of the dominant ways of being, showing that there are other ways of being, feeling and acting, unique to each one. Finally, we understand that school education must provide both the process of socialization and singularization, favoring dialogue and the constitution of responsible and supportive citizens

**Palavras-chave:** Educação. Formação humana. Subjetivação.

**Keywords:** Education. Human formation. Subjectivation.

**Evento:** XXV Jornada de Pesquisa  
**ODS:** 4 - Educação de qualidade

## Introdução

“O homem se pode definir como ser que aprende”. Com essa proposição Mario Osorio Marques (1995, p. 15) dá abertura ao primeiro capítulo de seu livro “Aprendizagem na mediação do aprendido e da docência”, com a qual também tomamos a liberdade de iniciar este texto, justificando tal escolha antes como uma expressão de valoração do que de imitação. Embora breve e, aparentemente, simples, essa frase é ambiciosa em toda sua significação. Afinal de contas, o leitor ou a leitora deverão concordar, definir o humano nunca foi tarefa fácil ou passível de conclusões.

Para lograr compreender a profundidade desse dizer introdutório, cabe a necessidade de fazer como o autor e nos debruçarmos sobre o estudo de como nos tornamos o que somos. Para tanto, o presente estudo objetiva refletir sobre os entendimentos acerca da linguagem, da aprendizagem e da singularização do sujeito apresentados por Mario Osorio Marques (1995; 2003) em parte de sua obra.

## Metodologia

Esta produção se caracteriza metodologicamente por ser uma revisão bibliográfica narrativa (PARÉ *et al.*, 2015) realizada, principalmente, a partir das obras “A aprendizagem na mediação social do aprendido e da docência” (1995) e “Botar a boca no mundo: cidadania, política e ética” (2003), de Mario Osorio Marques.

## Discussão

Uma vez dito que o humano é um ser que aprende, cabe pensarmos, primeiramente, no que consiste “aprender”. Para o autor aqui estudado, a aprendizagem é a “reconstrução autotranscendente do ser homem singularizado entre os homens” (MARQUES, 1995, p. 10). Ao falar em reconstrução autotranscendente, Marques refere-se à condição humana do ser que precisa fazer-se e refazer-se constantemente, construindo sentidos para a sua vida, tornando-se humano e fazendo mundo à medida que reconstrói os saberes compartilhados socialmente por meio da linguagem. É no mundo da vida que se provém os sujeitos “dos modelos de interpretação básica e dos conteúdos semânticos da comunicação usual, criam seu contexto social e o enriquecem com os objetivos simbólicos indispensáveis ao entendimento compartilhado” (MARQUES, 1995, p. 21).

Ao contrário dos animais, cujo estado de imanência os condena a ser o que são, isto é, a agir conforme os desígnios pré-estabelecidos por sua natureza, a partir de suas estruturas e necessidades biológicas, o homem e a mulher estão condenados a serem livres, como nos lembra Sartre, e, por conseguinte, a fazer escolhas e a se responsabilizar por elas, bem como a projetar a sua existência dentro das suas possibilidades linguísticas, culturais e histórico-sociais. Por óbvio, tal concepção adotada por Marques compreende a existência humana em uma perspectiva não metafísica, portanto sem uma essência que preceda a existência. Logo,

os significados da palavra e da ação, o sentido literal das expressões, resultam dos contextos em que se produzem e veiculam, tanto quanto das estruturas universais do mundo da vida. Os pressupostos ideais das palavras e da ação, além de levarem ao entendimento dos falantes entre e de lhes subministrarem

**Evento:** XXV Jornada de Pesquisa

**ODS:** 4 - Educação de qualidade

o saber culturalmente acumulado pelas gerações humanas, servem à coordenação das ações no estabelecimento das normas ajustadas ao contexto e à socialização dos atores através dos conteúdos internos do comportamento e na formação das estruturas da personalidade (MARQUES, 1995, p. 21).

Essa reconstrução autotranscendente do ser humano, como destaca o autor, acontece mediante um processo de singularização em meio a outros sujeitos. Por isso, a educação, como recorda Marques (1995, p. 15) ao citar Kant, é sobre como “homens educam homens em homens”. A aprendizagem e o desenvolvimento de uma criança sempre irão ocorrer no interior de uma determinada cultura, a qual pode ser entendida como “as formas com que nos relacionamos com as coisas de nosso mundo, com os objetos e as práticas materiais de nossa vida, ao mesmo tempo em que com os outros seres humanos” (MARQUES, 2003, p. 15).

Podemos dizer, seguindo essa linha de pensamento, que a educação de uma criança não inicia quando ela nasce, mas relaciona-se com toda a história da humanidade, afinal, tudo poderia ser diferente. Assimilar o papel da cultura e, desse modo, da linguagem na formação humana, distinguindo os processos de socialização/individuação e singularização referidos por Marques, é o que se pretende a seguir.

Antes mesmo de nascermos, já nos foi escolhido um nome. Já somos uma palavra. Palavra que tem cada sílaba carregada de sentido: desejos e fantasias sobre como seremos, sobre como será a vida que está por vir. Protegidos no útero materno, o mundo ainda não nos pertence, mas nós já pertencemos ao mundo: somos objeto do discurso dos nossos pais e familiares. Em uma terça ou quinta-feira qualquer, então, deixamos o confortável ventre de nossa mãe e nos inserimos corporalmente no mundo: uma grande conversa que já estava acontecendo antes de nós e continuará acontecendo depois. E nessa extensa conversa, cada vida humana emerge como uma narrativa. Uma história vivida e sentida na pele e na palavra.

Mario Osorio Marques (1995) recorre a Dussel para explicar que não nascemos na natureza, nascemos de alguém; assim como não somos alimentados simplesmente de algo, mas de alguém. Relação mãe-filho que é vivida como cultura-povo. A própria concepção que dá início à gravidez, com a fertilização do óvulo por um espermatozoide, já não é algo natural, mas sim uma relação social e cultural legislada com a proibição do incesto. Após o nascimento, nos braços maternos, somos acolhidos com afeto, alimento e, também, cultura. O primeiro choro do bebê representa o início da vida própria separada da mãe. Embora este primeiro choro seja uma reação natural para a criança, para os adultos significa que ela está bem. Já os próximos choros irão preocupar a mãe, pois ela entende que a criança demanda algo e a acolhe. Com o tempo, dentro da relação, mãe e filho vão se entendendo em uma linguagem própria, estabelecida por meio de choros, sorrisos e movimentos (MARQUES, 1995; 2003). “Estabelece-se então uma significação aí onde só havia reflexo orgânico” (idem, 1995, p. 37).

Conforme cresce e convive em um círculo social, a criança aprende uma língua e é pela linguagem que ela se faz ser humano. De acordo com Marques (2003), em um caminho que vai sempre de fora para dentro, a criança se percebe separada do mundo que a cerca, reconhece seus limites e suas faltas nas quais se fundamentam seus desejos. Até cerca de dois anos e meio a três anos a criança

**Evento:** XXV Jornada de Pesquisa

**ODS:** 4 - Educação de qualidade

já aprendeu e utiliza muitas palavras, mas ainda não é capaz de usar a palavra “eu”, referindo-se a si mesma, ainda, na terceira pessoa. Paulatinamente ela descobre que possui identidade própria e adquire consciência de si mesma, ingressando na chamada fase egoísta. Um pouco mais tarde sentirá a necessidade do convívio com outras crianças da mesma idade, pois é no grupo de iguais que a criança poderá viver intensamente a própria vida, ser autêntica e dar liberdade às palavras e aos atos.

Os seres humanos, desde o início da história, sempre procuraram viver em grupos. Por isso “agrupar-se é a lei do homem” (MARQUES, 2003, p. 20). As crianças, os jovens e os adultos buscam inserir-se em grupos no qual tenham sentimento de pertença, assumindo papéis próprios e reconhecendo-se em relação aos outros membros. A razão primeira pela qual as crianças e jovens desejam estar na escola não é para aprender conteúdos, mas, antes disso, para encontrar amigos, para se enturmarem, fazer coisas juntos e construir solidariedade. E é no grupo de iguais que “dá-se [...] a humanização do ser individual pela multiplicação de seus grupos de pertença e referência” (MARQUES, 1995, p. 61).

Finalmente, a vida adulta exigirá competências para participar de vários grupos simultaneamente: os amigos, os colegas de trabalho, os parceiros do futebol etc. À proporção que os indivíduos interagem com aqueles que enfrentam condições de vida semelhantes, podem entendê-las e entender melhor a si mesmos. Desse modo, “enraíza-se na pertença grupal o processo de educação no que tem ele de mais fundamental, na medida em que é a própria vida que educa e que os primeiros e mais decisivos educadores do homem são aqueles que lhe estão mais próximos [...]” (MARQUES, 1995, p. 62). O ingresso em comunidades de livre-escolha permite o sentimento de corresponsabilidade por sua consolidação, “onde se possam fazer sujeitos singularizados ao mesmo tempo que concidadãos de uma sociedade” (MARQUES, 2003, p. 22). Isso porque

a solidariedade dos que enfrentam as mesmas condições de vida em pé de igualdade e se confrontam entre si é o caminho mais direto para que cada qual as entende e se entenda para melhor enfrenta-las, não na estreiteza e confinamento da personalidade particularista, mas numa forma nova do pensar e agir: a consciência do grupo e a forma da cooperação (MARQUES, 1988, p. 146).

Mas, afinal, o que significa ser um sujeito singularizado? Cabe, aqui, nos determos sobre os dois processos de constituição do sujeito distinguidos por Guattari, aos quais Marques (1995) faz referência. São eles: processo de individuação e processo de singularização.

O sujeito-indivíduo é modelado pelos mecanismos extrapessoais e intrapsíquicos, num entrecruzamento das muitas determinações que o assujeitam aos modos da organização social. Já, o sujeito que se constitui no processo de singularização é automodelador e criativo do mundo das relações que a partir dele se estabelecem, isto é, a partir de um processo disruptor: de afirmação dos próprios desejos, de sua capacidade imaginativa de inventar,

**Evento:** XXV Jornada de Pesquisa

**ODS:** 4 - Educação de qualidade

onde se experimenta a criatividade processual, ou o constante retomar a vida nas próprias mãos e na afirmação de sua alteridade distintiva (MARQUES, 1995, p. 33).

Assim, a individuação/socialização diz respeito ao assujeitamento do indivíduo na organização social. Processo imprescindível para a formação da subjetividade, que não emerge do nada, mas precisa do outro, da inserção social no mundo dos que vieram antes. Por isso diz-se que o sujeito é sempre assujeitado. Nesse processo, “não se identifica cada um por seu lugar no todo, mas transcendendo a totalidade, por si próprio e em relação com o outro” (MARQUES, 1995, p. 71). A educação, principalmente na escola, como enfatiza Marques, “tende à padronização das aprendizagens com vistas à produção do indivíduo modelado pela cultura vigente” (1995, p. 34). Desse modo, o sujeito-indivíduo é aquele que se conforma aos modos de ser do sistema social dominante.

Por outro lado, Mario Osorio Marques (1995) reforça a necessidade de a educação ser também um processo de singularização do sujeito, se o que se coloca como *telos* dessa educação é a emancipação humana. Nesse sentido, as aprendizagens devem priorizar a constituição do sujeito autônomo, criativo, aberto às possibilidades, não alienado de si mesmo e nem do mundo. Capaz de produzir uma subjetividade que se insurge contra as imposições dos modos de ser dominante, mostrando que há outras maneiras de ser, sentir, perceber e agir, singulares de cada um.

Desse modo, “estruturam-se inextricavelmente o social e o individual no processo unitário da socialização/individuação e da singularização objetiva” (MARQUES, 1995, p. 61). Marques (1995, p. 52) diz que na escola

constituem-se os diversos âmbitos linguísticos na relação dialética do aprender e do aprendido, nas interações complexas entre o passado construído pela ação humana, o presente em que os homens atuam e reconstróem suas conquistas culturais e sociais e o futuro, que toda ação demanda e cujas sementes assim se plantam.

Pela aprendizagem o indivíduo humano constitui a si mesmo como sujeito de desejos ao reconstruir o conhecimento socialmente compartilhado e encarnado no Outro das pessoas de carne e osso que o interpelam. Aprender não é acessar os objetos em si, mas as palavras que materializam o conhecimento. É reprocessar e recombinar os saberes já construídos e validados anteriormente, agora em perspectiva própria, valendo-se, para tanto, da estrutura da linguagem enquanto forma expressiva da singularidade do sujeito (MARQUES, 1995).

É por isso que quando aprendemos algo novo, um conceito, um vocábulo ou uma língua, ampliamos nossos horizontes de interpretação do mundo e nossas possibilidades de dizer e fazer mundo. Interpretação que nunca é definitiva, mas memória sempre ressignificada nas páginas revisitadas da mente. Consoante Marques (1995, p. 40):



**Evento:** XXV Jornada de Pesquisa  
**ODS:** 4 - Educação de qualidade

A comunicação linguística particulariza e universaliza ao mesmo tempo, postulando, para o entendimento compartilhado, a maior expressividade possível. Quanto mais original e viva a expressividade de cada sujeito, maiores as possibilidades de reconstrução coletiva do entendimento de algo. Quanto mais amplo e sólido o universo intersubjetivo maiores as possibilidades de afirmação da subjetividade de cada um.

A criança cuja vida desabrocha em um ambiente rico de possibilidades de ser, de aprender, de viver; cuja educação valorize a sua formação enquanto ser humano, social e singular, com potencialidade de descobrir-se no mundo das artes, das ciências, da filosofia, enfim, certamente terá a oportunidade de enriquecer seu universo subjetivo. Ao mesmo tempo, um sujeito com uma expressividade bem desenvolvida aumentará as chances de estabelecer entendimentos com seus interlocutores. Daí que, vale lembrar, todo ato educativo é também um ato de comunicação.

Desse modo, de acordo com Marques (1995), a partir do mundo social plural e diferenciado, as aprendizagens necessárias para a vivência cidadã responsável assumem na instituição escolar uma forma transparente, intencional e organizada. Assim, o ambiente escolar é espaço de diálogo qualificado com o Outro especializado, em que os processos formais de aprender pela mediação do ensino proporcionam aos estudantes o entendimento acerca da sociedade complexa e heterogênea em que vivem, por meio de aprendizagens que são distintas de outros contextos sociais e que constituem o seu eu singularizado.

### Considerações finais

Os entendimentos que construímos, a partir dos estudos de Marques, sobre o que é a aprendizagem e sua relação com a singularização do sujeito, nos mostram a complexidade do processo de aprender, que está muito além de ser mera adaptação ao mundo que já existe ou pura acumulação de conhecimentos e habilidades. Nesse meio, os procedimentos linguísticos e comunicacionais são imperiais.

A discussão aqui apresentada salienta que a aprendizagem instituída por meio da mediação educacional, que ocorre pela linguagem, pela palavra e pela ação, nos mostra que a escola deve atuar em prol de despertar a consciência linguística crítica acerca dos saberes históricos e socialmente organizados e sistematizados. Isso porque possui intuito de formar cidadãos responsáveis, autônomos e singulares, sujeitos que poderão confrontar as formas dominantes instituídas na sociedade civil.

Sendo assim, considerando esse complexo movimento, esta breve revisão bibliográfica desperta-nos, agora, à busca de compreensões sobre o que é ensinar, isto é, sobre a mediação da docência nos espaços escolares. Instaurado o desejo de reflexão, é preciso ser humano, e aprender.

**Agradecimentos:** Agradecemos à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela bolsa PROSUC concedida às autoras, e ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação nas Ciências (PPGEC) e aos professores da UNIJUÍ, que com excelência compartilham

**Evento:** XXV Jornada de Pesquisa  
**ODS:** 4 - Educação de qualidade

conhecimentos, instigando-nos sempre a refletir e aprender.

### Referências

MARQUES, Mario Osorio. *A aprendizagem na mediação social do aprendido e da docência*. Ijuí: Unijuí, 1995.

MARQUES, Mario Osorio. *Conhecimento e educação*. Ijuí: Editora Uniuí, 1998.

MARQUES, Mario Osorio. *Botar a boca no mundo: cidadania, política e ética*. 2 ed. Ijuí: Ed. Unijuí, 2003.

PARÉ, Guy; TRUDEL, Marie-Claude; JAANA, Mirou; KITSIOU, Spyros. Synthesizing information systems knowledge: A typology of literature reviews. In: *Information & Management*. v. 52. p. 183–199. 2015. Disponível em < <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0378720614001116?via%3Dihub>> Acesso em 27 Mai 2020.

**Parecer CEUA:** 48945315.0.0000.5350